

Sermão 492

O fariseu, o publicano e a cananeia.

Santo Agostinho

Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: “Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas: ladras, injustas e adúlteras; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros”. O publicano, porém, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!” Digo-vos: este voltou para casa justificado e não o outro. Pois todo aquele que se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado¹.

Análise

A humildade ensinada pelo exemplo do publicano e o orgulho condenado pelo exemplo do fariseu. A humildade novamente exaltada pelo exemplo da cananeia.

01 – A humildade ensinada pelo exemplo do publicano e o orgulho condenado pelo exemplo do fariseu.

Acabamos de ver, meus irmãos caríssimos, o retrato de duas pessoas bem diferentes. O Evangelho cuja leitura vocês acabam de ouvir nos representa um homem humilde e um homem orgulhoso.

¹ Lucas 18: 10-14.

Aquele, cheio de desprezo e este, cheio de estima por ele mesmo. Um confessando livremente e o outro se recusando a confessar suas faltas. Um se acusando e implorando sua cura e o outro se justificando e pretendendo não precisar ser curado.

Subiram dois homens ao templo para orar. Um era fariseu; o outro, publicano, diz o texto. O fariseu, inflado, cheio de orgulho e de soberba, muito longe de se fazer humilde exteriormente e inclinar sua testa, lançava ao redor dele mesmo um olhar cheio de soberba. Depois, de seu peito escapou, não uma prece, mas um discurso impregnado do mais insultuoso desprezo pelos seus semelhantes. Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas: ladras, injustas e adúlteras; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros, ele disse.

Ó coração inchado! Ó espírito cheio de orgulho e insensato!

Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas, ele disse. É como se ele tivesse dito a Deus: “Eu te dou graças por não me sentir culpado por nenhuma falta contra vós. Eu não vejo nada em mim que justifique um pedido de perdão a vós. Eu estou perfeitamente são e não tenho nenhum motivo para implorar vossa misericórdia”.

Que segurança! Que imprudência audaciosa, meus irmãos, da parte desse fariseu! E, para falar a linguagem da verdade estrita: que demência incrível!

Não sou como as demais pessoas, ele disse Àquele que conhece o coração de todos e ao Médico que descobre a mais secreta corrupção dos corações.

“Eu não sinto nenhuma dor”.

Confesse, ó fariseu infeliz! Confesse seus pecados, se você quer obter sua cura! Enquanto você procurar disfarçar as chagas da sua alma, você só conseguirá torná-las maiores e mais profundas.

Ao mesmo tempo em que ele se desculpa, ele acusa os outros. Ao mesmo tempo em que ele se proclama inocente, ele pronuncia contra os outros um veredito de culpabilidade.

Ó fúria, ó delírio, ó orgulho digno dos maiores castigos!

Deus está pronto para perdoar e o culpado ousa ir perante sua misericórdia para rejeitá-la! O Médico traz um remédio próprio para curar as chagas mais inveteradas e devolver a saúde e o doente, coberto pela lepra do pecado e tomado pela febre de um orgulho delirante, se apressa em esconder suas chagas purulentas.

Infelizmente, quantos nós mesmos vemos hoje em dia que se comportam da mesma maneira!

O publicano, pelo contrário, confessando humildemente o grande número e a enormidade dos seus pecados, rezou nestes termos: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*

A humildade do publicano o faz merecer ser purificado, ser justificado no exato instante em que ele pronuncia estas palavras: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!*

Assim, o fariseu, cheio de orgulho e de soberba, desce do templo sobrecarregado sob o peso de sua própria condenação, enquanto que o publicano, no mesmo instante em que entrou no templo, já tinha merecido, por sua humildade, que Deus lançasse sobre ele um olhar favorável.

O pecador humilde é acolhido com misericórdia, enquanto que o inocente orgulhoso é golpeado pelo anátema. Deus perdoa ao primeiro seus pecados, enquanto que o segundo se glorifica por sua infelicidade de ter dado regularmente o dízimo dos seus bens, pois o fariseu disse: *Graças te dou, ó Deus, que não sou como as demais pessoas.*

Com estas palavras, ele se proclamou inocente de qualquer pecado e, na realidade, ele se curvou sob o fardo dos seus crimes passados, aos quais ele acrescentou o de acusar todas as pessoas que estavam então sobre a terra.

Ó homem! Por que se glorificar assim, como se só você realizasse todas essas obras de misericórdia? Como você ousa reivindicar o mérito por elas e atribuir a você sua propriedade exclusiva, enquanto que nem você pertence a você mesmo, mas a uma força superior?

Sim, você realiza essas obras e você faz bem em realizá-las. Persevere nesse caminho. Mas realize-as com humildade, se você um dia quer merecer receber por elas a recompensa.

02 – A humildade ensinada pelo exemplo da cananeia.

Nós ouvimos, ó meus venerados irmãos, quando nos foi lida uma certa passagem das santas letras do Evangelho. Nós ouvimos a história daquela mulher cananeia que mereceu, por sua humildade, receber o favor que ela pedia. Nós vimos aquela mulher com o rosto prostrado contra o chão, segurando com mãos trêmulas os pés de Jesus e clamando: *Senhor, ajuda-me!* E Jesus lhe respondeu: *Não convém jogar aos cachorrinhos o pão dos filhos.*

Ela ficou bem longe de receber esta censura com amargura e dizer, por exemplo: “Não me compare com uma cadela! Se não for do seu agrado conceder-me o favor que peço, poupe-me ao menos de suas injúrias!” Muito longe então de dizer estas coisas, ela só responde com algumas palavras inspiradas pela mais profunda humildade: *Certamente, Senhor.*

O que querem dizer estas palavras: *Certamente, Senhor.* Estas palavras significam: “Sim, Senhor. O que o senhor diz é verdade. Eu confesso que sou uma cadela. Ou melhor: eu reconheço o que sou e o que o senhor é. Eu sou a mais miserável das criaturas e o senhor é a própria fonte da misericórdia. Eu reconheço que sou uma cadela, já

que vim lamber seus pés, depois de tê-los molhado com minhas lágrimas. Mas, pelo próprio fato de reconhecê-lo como o Deus verdadeiro, eu não devo me retirar sem ter recebido nada do senhor. Eu reconheço como meus donos aqueles que o senhor chama de filhos. Por isso, como não sou digna de me sentar à sua mesa com eles, permita-me ao menos recolher as migalhas que caem dessa mesa, pois, *os cachorrinhos ao menos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos.*

O Senhor adiou então a graça que ele queria conceder e os discípulos disseram então: *Despede-a! Ela nos persegue com seus gritos.*

O Senhor adiou a graça que ele queria conceder, como eu disse, para torná-la mais esplendorosa e para nos propor como modelo a humildade e a fé dessa mulher que ele conhecia há muito tempo.

Por fim, ele lhe responde nestes termos: “*Ó mulher! Grande é tua fé! Você foi por muito tempo uma cadela, mas agora você é uma mulher. Você foi por muito tempo uma cananeia, mas agora você é de uma fê exemplar*”.

O que há de admirável nesta história? Essa mulher acreditou e se tornou totalmente diferente do que ela era. *Ó mulher! Grande é tua fé*, lhe diz o Senhor. Por este motivo: *Seja-te feito como desejas. E na mesma hora sua filha ficou curada*².

² Mateus 15: 22-28.

Assim foi, em uma mulher cananeia, o poder da humildade. Assim foram também os frutos da justiça conferidos ao publicano que confessou seus pecados, pois: *aquele que se exaltar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado*³, *porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes*⁴.



³ Mateus 23: 12.

⁴ Provérbios 3: 34 e 1 Pedro 5: 5.

Créditos

© 2021 Valdemar Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Toda cópia e divulgação são autorizadas, desde que citada a fonte.

Traduzido por Souza Campos, E. L., de *Œuvres complètes de Saint Augustin*, organizada pelo Abade Raulx, Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Éditeurs, 1864-1873.

Sermons inédits. Quatrième supplément. Première section. Sermons sur des sujets tirés de l'Écriture I. Douzième sermon.

Traduzido do latim para o francês pelos Abades Bardot e Aubert.

Conteúdo

Sermão 492	1
Análise.....	1
01 – A humildade ensinada pelo exemplo do publicano e o orgulho condenado pelo exemplo do fariseu.....	1
02 – A humildade ensinada pelo exemplo da cananea.....	5
Créditos.....	8
Conteúdo.....	9